

**Uma História da educação das crianças no Brasil: questões de ontem e hoje**

Nucia Alexandra Silva de Oliveira\*

**Resumo:** Este trabalho discute algumas questões referentes à História da educação no Brasil priorizando a educação destinada às crianças. Sabe-se que a educação é questão central nos dias de hoje e muitos são os que apontam como saída para os tantos problemas sociais enfrentados/vivenciados especialmente pelas crianças e adolescentes. Mas o que tem sido feito... é suficiente? Os números relativos à escola, oficiais ou não, mostram realidades de privilégios e exclusões, constituindo assim a educação como algo a ser resolvido. Este texto apontará: alguns dos problemas enfrentados pela educação das crianças no Brasil, algumas das políticas públicas estabelecidas nos últimos anos e também a visão das crianças a respeito da escola e da educação que recebem.

**Palavras-chave:** História – educação- crianças

**Abstract:** This article discusses some issues concerning the history of education in Brazil prioritizing the education destined to children. It's a fact that education is a central subject nowadays and many people point it as the exit for the social problems faced especially by children and teenagers. But what have been done... is it enough? Numbers related to school, official or not, show realities of privileges and exclusions, constituting education as something to be solved. This text will point out: some of the problems faced by children's education in Brazil, some of the public politics established in the last years and also the children's view concerning school and education they receive.

**Keywords:** History – education – children.

Pensar sobre educação é ter a oportunidade de refletir sobre muitas questões, afinal este tema é extremamente presente em nossas vidas sendo um “problema” que nos acompanha do início da infância ao longo de toda a vida adulta. Quem nunca ouviu na infância os pais disserem que se não estudasse não seria “alguém na vida”? E quem, por uma razão ou outra, não acabou reproduziu a mesma frase para os próprios filhos e/ou alunos? Sim... entendemos – porque fomos construídos sob tal discurso – que a educação nos abre portas e que sem ela poucas chances teríamos na sociedade.

Poderíamos buscar muitas razões para este fato, sobretudo se considerarmos que a boa educação há muito tem sido associada à idéia de trabalho, sucesso, etc. O fato de que quem não estuda não tem um bom (e entenda-se bem pago) emprego é uma verdade que foi construída entre nós e que tem sido utilizada como estratégia de convencimento para que muitos se dediquem a busca de diplomas.

---

\* Doutora em História. Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Por outro lado, poderíamos perguntar: a educação serve “apenas” ao mercado de trabalho? Formar bons profissionais é a principal função das escolas? Por que trazer a educação para o lado do trabalho (e vice versa)? Certamente que entendemos que a educação é muito mais do que um instrumento de formação para profissionais competentes e que a escola é muito mais um local de socialização do que profissionalizante. Mas como não nos reportarmos a tais indagações, afinal muitos dos problemas relativos a educação e a escola de hoje dizem respeito ao pensar não só a suas práticas, mas especialmente a sua função. E que função seria esta? O que estamos fazendo nas (e das) escolas? Formamos um cidadão crítico? Auxiliamos no processo de “profissionalização de jovens”? Ensinamos para a vida”? Ou trabalhamos para que essas crianças e jovens passem de ano, conseguindo um dito bom resultado?

Este texto foi construído justamente no processo de pensar a função da escola e nas maneiras como a educação tem sido pensada em nosso país. Como professora<sup>1</sup> de uma escola de ensino fundamental na cidade de Florianópolis, tenho experimentado a conflituosa tarefa de pensar sobre estas questões tão difíceis. Questiono-me especialmente sobre o que pretendemos e sobre o que pretendem de nós. Explico: minha questão se coloca diante do abandono que pode tão facilmente ser percebido na realidade escolar, onde se busca cada vez mais os números e onde as pessoas são, na mesma proporção de rapidez, esquecidas. Toda vez que o governo divulga os dados de suas pesquisas e projeções, mais este problema se coloca. Nossas escolas vivem de números que apontam problemas há muito conhecidos e, que na maioria das vezes empurram para o futuro a solução. Outra realidade igualmente conhecida... Um exemplo disto pode ser observado no recente lançado Plano Nacional de Educação quando se divulgou a pretensão brasileira de alcançar a vitória de uma nota 6 como média do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) que hoje é 4<sup>2</sup>. Projeta-se que o tal plano, nos anos que estão a nossa frente, consiga resolver problemas que se arrastam há anos como a evasão, a repetência, etc. Mas repito são soluções já usadas no melhor estilo “reforma” que pouco ou nada muda na realidade escolar. Mudam-se as “cores” da escola, mas esta permanece num mesmo lugar...

Como entender esta situação que sabemos é de abandono e como entender como chegamos até aqui? Penso sinceramente que é preciso fazer uma análise da história de nossa educação visto que, através da análise histórica, é possível identificar as diferentes maneiras

<sup>1</sup> Trabalho com professora de História com crianças e adolescentes de 11 a 16 anos em uma escola Municipal de Florianópolis que atende a uma população considerada extremamente carente. A referida escola está localizada numa área também considerada carente e atualmente enfrenta entre outros desafios, o de lidar com a violência entre alunos.

<sup>2</sup> Sobre o Plano Nacional de Educação ver: <http://portal.mec.gov.br>

pelas quais a educação e a escola têm sido pensadas no Brasil. Novamente aqui é a experiência de estar em sala de aula que me trouxe a esta observação.

Nos últimos três anos<sup>3</sup> tenho trabalhado também com a disciplina de História da Educação e esta possibilidade junto da experiência de fazer parte de uma escola e de todos os problemas que nela existem, tem me lançado especialmente ao questionamento das políticas estabelecidas no Brasil para o hoje chamado ensino fundamental. Bem como, tenho pensado muito sobre a necessidade de se fazer conhecer as muitas histórias da educação. A propósito, o campo é amplo e muitos já se deram conta disto promovendo pesquisas e debates a respeito da história da educação no Brasil. Este texto é, portanto uma forma de participar deste debate trazendo a discussão dois pontos: inicialmente no tópico “Educação de ontem: questões de ontem” é feita uma breve análise de alguns momentos da história da educação no Brasil; em seguida, no tópico “A educação e as crianças: questões de hoje”, são colocadas a público algumas falas daqueles que estão diretamente relacionados ao processo de escolarização: as crianças e adolescentes. Vale destacar que este trabalho não pretende apresentar respostas, tão pouco conclusões a respeito deste assunto tão complexo, sobretudo porque esta é uma pesquisa que se encontra muito no seu início. Na verdade, é importante salientar, este texto é um primeiro apontamento que convida a reflexão e a outras pesquisas.

### **Educação das crianças: questões de ontem**

Observar a educação no Brasil, como sabemos, é encontrar muitos problemas. E isto é quase uma unanimidade entre educadores e aqueles que, de alguma forma, estão inseridos no espaço escolar. Entre os tantos problemas enfrentados pela educação um deles é aquele que diz respeito aos resultados obtidos pela escola. Com base nos dados publicados recentemente pela Revista Nova Escola, por exemplo, sabemos que de 100 alunos que entram na 1ª série apenas 11 ingressam no ensino superior. E mais, temos 1,5 milhão de crianças (de 7 a 14 anos) fora das escolas, sendo que as que lá estão não nos apresentam números mais animadores. A referida revista traz os dados da Prova Brasil que informam que 60% dos alunos da 8ª série não sabem interpretar um texto dissertativo, nem realizar contas de porcentagem, isso para citar apenas dados das disciplinas básicas do currículo<sup>4</sup>. Como isto é possível se estas crianças ficaram 8, 9 ou até 10 anos no ensino fundamental?

<sup>3</sup> Trabalhei na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) nos anos de 2005 e 2006 e agora leciono a mesma disciplina na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em ambas, a disciplina consta do programa do curso de Pedagogia. Na Udesc, existe a disciplina História da Educação no Brasil, para o curso de História.

<sup>4</sup> [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0196/aberto/mt\\_169932.html](http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0196/aberto/mt_169932.html). Acesso em 13 de abril de 2007.

Não vamos entrar na discussão das causas desta realidade, nem na “qualidade” do ensino na rede pública e privada, visto a abrangência do assunto. Ficaremos “apenas” com uma parte deste grande problema que é o fato de que a realidade mais triste está presente na escola pública, aquela pensada e financiada pelo Estado. Infelizmente parece que enquanto uma escola – a particular - visa a eficiência de levar seus alunos aos bancos universitários, a outra, ou seja, a escola pública serve apenas como lugar de abrigo para as crianças passarem seu tempo ou pior, para a criação de estatísticas que servem para a edificação de planos, projetos e/ou financiamentos para o Estado via bancos mundiais e outras instituições que colaboram com países em desenvolvimento. Afinal não são poucas as vezes que assistimos a busca de financiamentos internacionais para as reformas acontecerem na rede escolar brasileira.

A negligência desta infeliz realidade não tem sido processada de hoje, pelo contrário, a questão tem estado presente em nossa história há muito tempo. Não é absurdo dizer que a educação e a escola têm sido pensadas pelos diferentes governos que se colocaram no Brasil de modos poucos proveitosos para o bem social: ora a educação serve para expressar e manter suas ideologias, ora para demonstrar uma potencial eficiência brasileira em termos de ordem e progresso (ideal que nos persegue e que não tem gerado benefícios a população em geral!), mas raras são as vezes em que ela foi entendida e projetada para de fato levar experiências de autonomia para a população.

Poderíamos pensar na situação de nossa primeira educação oficial, aquela recebida quando os jesuítas<sup>5</sup> aqui aportaram. O que se percebe se não um educação colonizadora, elitizada e com o propósito mínimo de trazer as “ciências da humanidade” a uns poucos e únicos considerados capazes de conhecer o real sentido da civilização. Também poderíamos citar como exemplo de educação dualizada aquela construída no período imperial<sup>6</sup> quando novamente a elitização construiu realidades bem distintas para “nobres” e “pobres”. Enquanto uma pequena minoria freqüentava escolas secundárias e nossas primeiras escolas de ensino

---

<sup>5</sup> Os jesuítas chegaram ao Brasil no ano de 1549, com o governador geral Tomé de Souza e traíam como missão “ensinar a doutrina” e “formar escolas de ler e escrever”. Para tanto fundaram inicialmente várias escolas de “ler e escrever” e depois colégios onde a educação secundária poderia ser recebida pelos filhos dos colonos, sobretudo aqueles com posses. Os laços entre a ordem e o Estado se mantiveram até a ascensão do Marques de Pombal ao cargo de 1º. Ministro de Portugal que expulsou os jesuítas. Sobre a educação jesuítica existe uma longa lista de livros, artigos, teses etc.

<sup>6</sup> Após a chegada da família real ao Brasil várias providências foram tomadas no sentido de constituir a cultura e a educação da nova corte, entre as providências tomadas estão a criação da imprensa e da biblioteca nacional, a fundação da academia militar e de escolas para formar médicos etc. Evidentemente quem teria acesso a tais lugares seriam os membros da elite, para quem também seria criado o primeiro colégio secundário público do Brasil, o Pedro II. Ver: VECHIA, Aricle. O ensino secundário no século XIX: instruindo as elites. In: STEPANHO, Maria. BASTOS, Maria Helena Camara. *Histórias e Memórias da educação no Brasil*. Vol. 2. Petropolis: Vozes, 2004.

superior, a grande maioria freqüentava escolas improvisadas<sup>7</sup>, com pouco ou nenhum recurso e que tinham como objetivo oferecer apenas as chamadas primeiras letras. A situação não muda muito quando chegamos a história republicana e encontramos um Brasil que sob o ideário positivista da “ordem e progresso” pensava a necessidade de construir junto com a República, uma escola igualmente adequada aos novos tempos.

Seja na Colônia, no Império ou na República, uma coincidência: o fato da educação ser apontada e usada como ferramenta importante para levar à população os propósitos do Estado. Na Colônia, para levar avante o processo de colonização tivemos a proveitosa aliança entre Igreja e Estado, sendo a primeira a via de ação de um projeto que a interessava, mas que também era oportuno ao Estado. No período Imperial, já tendo em suas mãos um controle mais direto da educação<sup>8</sup>, o Estado também pensou uma escola que lhe fosse válida, por isso justamente a criação de escolas de elites, para a formação no próprio solo brasileiro de seus doutores. E, no início da República um mesmo processo de pensar como a escola poderia se adequar aos projetos de modernização política e especialmente aquele de construção da própria idéia de República. A educação a serviço do Estado (e não o contrário como gostaríamos) foi, portanto a grande relação estabelecida em nosso país. Um procedimento que em termos de estabelecimento de bons resultados não alcançou evidentemente a todos - aliás penso que não foi favorável a ninguém.

De qualquer modo é importante salientar os prejuízos que couberam especialmente àqueles a quem o Estado via escola deveria atender. Entendo que os maiores prejudicados tenham sido as crianças e os adolescentes que deveriam ter encontrado nos bancos escolares espaço para o exercício de suas potencialidades, mas que neles encontraram lugares de normatização de suas condutas e por que não dizer de adestramento. Novamente olhando para os três momentos aqui citados: Colônia, Império e início da República – podemos encontrar exemplos de como a escola e a educação, via Estado, foram trabalhadas como formas de constituir nas crianças modelos de sujeitos adequados. Para não nos estendermos muito

---

<sup>7</sup> O termo escola de improviso encontra-se no texto de Luciano Faria Filho que estudando os espaços destinados a escolarização das crianças no Brasil entre os séculos XVI XVIII percebe o muito de improvisação que existia nos prédios destinados às escolas. As aulas aconteciam, segundo ele, nas igrejas, nas casas dos professores ou em casas alugadas. A não preocupação em construir prédios para as escolas nos aponta a pouca atuação do poder público em resolver uma situação que já se sabia era alarmante: o grande número de analfabetos no Brasil. FARIA FILHO, Luciano. VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. Revista Brasileira de Educação, mai-ago, número 14. São Paulo, Brasil. Pp. 19-34.

<sup>8</sup> Com a expulsão dos jesuítas o Estado português assumiu tanto na metrópole quanto nas colônias o monopólio da educação. No Brasil as chamadas aulas-régias e todo processo educacional ficaram a cargo do governo que decidia o que seria ensinado, como seria a escolha dos professores e qual seria o seu pagamento, entre outras questões. CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As aulas régias no Brasil. In:STEPANHO, Maria. BASTOS, Maria Helena Camara. Histórias e Memórias da educação no Brasil. Vol. 2. Petropolis: Vozes, 2004.

vamos observar apenas como nos primeiros anos da República tiveram espaço discussões sobre uma escola pensada como lugar de estabelecer uma cidadania eficaz.

Sabemos que durante o processo de consolidação da República várias estratégias de poder foram utilizadas no sentido de civilizar o país e seus cidadãos<sup>9</sup>. Neste sentido as condutas e os lugares julgados inapropriados ao ideal civilizatório republicano foram alvos não apenas de controle, mas também de eliminação<sup>10</sup> quando necessário.

No que diz respeito a intervenção do poder público em relação aos menores podemos encontrar dois pontos de atuação. De um lado, aquele da vigilância dos menores no espaço das ruas, e de outro a atuação da observação no espaço escolar. Um exemplo da postura do poder público em relação aos menores considerados “viciosos” é que estes eram recolhidos e enviados para internação em colônias de correção. O código Penal de 1890, aliás, estipulava a idade de 9 anos como limite de responsabilidade penal e portanto os menores acima desta idade eram enviados para correção de seus desvios<sup>11</sup>. Ou seja, o tratamento dispensado pela República a seus pequenos cidadãos foi de uma repressão feroz.

Aliás, é bom lembrar que tal repressão em termos de justiça foi acompanhada em discurso pela medicina que estimulava como oportuna o efetivo controle desta população para a solução de problemas como a pobreza, a mendicância, a vadiagem, a criminalidade, etc. No dizer destes médicos era preciso curar a degeneração moral que assolavam muitas das famílias pobres e, principalmente era necessário cuidar das crianças que perambulavam pelas ruas e mesmo retirá-las de suas famílias para recuperá-las. A moralização das crianças tornou-se assim função do Estado, o que aconteceu via aprisionamento em instituições corretoras e via escola. Em resumo, se por um lado, como vimos, tratava-se de retirar de circulação os menores viciosos, por outro, na escola pública buscava-se trabalhar um outro público que poderia ser descrito talvez como “menos perigoso”.

Observando a história dos espaços escolares no referido período, encontramos novamente algumas reformas e estas foram pensadas no sentido de adequar e tornar as escolas mais eficientes e condizentes com o propósito de civilizar as crianças<sup>12</sup>. E o que foi feito?

---

<sup>9</sup> Ver sobre este assunto entre outros: CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. SCHALOUB, Sidney, *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Rago, Margareth. *Do Cabaré ao lar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>10</sup> Veja-se o exemplo da política do “bota-baixo” estabelecida por Pereira Passos na capital federal que retirava do caminho da civilização os casebres populares e ditos sem higiene.

<sup>11</sup> ABREU, MARTHA. & MARTINEZ, ALESSANDRA FROTA. Olhares sobre a Criança no Brasil: Perspectivas históricas. In: RIZZINI, Irene (org.) *Olhares sobre a Criança no Brasil*. Rio de Janeiro: Petrobrás: Ministério da Cultura: USU Ed. Universitária: Amais, 1997. p. 26.

<sup>12</sup> NUNES, Clarice. (Des)encantos da modernidade Pedagógica. In: LOPES, Eliane. FARIA FILHO, Luciano. VEIGA, Cynthia. *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Inicialmente foram construídos mais prédios para abrigar os alunos (antes eles eram atendidos em lugares de improvisado). Estes prédios, a propósito foram projetados igualmente sob os propósitos de serem espaços higiênicos e onde a saúde mental e física dos alunos fosse alcançada. Em seguida, tratou-se de descobrir o método mais eficaz para alcançar este objetivo e, temos que especialmente entre os anos 20 e 30 surgiram os discursos que aliaram de vez a educação com o trabalho. O universo escolar tornou-se o lugar de se aprender a civilidade, de aprender civismo e também, para a camada popular aprender uma profissão.

Não há espaço aqui para detalhar as idas e vindas deste processo, nem de especificar as tantas diferenças existentes, por exemplo, entre os anos 20 e o Estado Novo. De forma geral o que gostaria de apontar aqui é este fato da escola ter sido pensada para projeção dos ideais moralizantes do Estado, pois tal realidade constituiu uma passagem que por muito tempo se fez presente entre nós. Se formos ver na ditadura militar a educação também foi pensada sobre estes pontos e também neste tempo as “intenções” do Estado é que fizeram a educação.

Enfim, as questões de ontem mostram que no Brasil a educação foi pensada para resolver os problemas e projetos do Estado e a escola pensada então foi encaminhada para constituir não apenas bons alunos, mas também bons cidadãos. Entendendo evidentemente que o bom cidadão era aquele que conhecia e obedecia as leis do Estado e que pretendia contribuir com este.

### **A educação e os jovens: questões de hoje...**

Alguns números que apontam os problemas enfrentados pela educação já foram citados aqui e eles assustam... Mas existem outros fatos que igualmente torturam aqueles que trabalham com educação: trata-se da constatação de muitos alunos e alunas (muitos mesmo) também percebem problemas na escola e sabem que são afetados por eles. E digo isto não apenas por observação, mas também baseada no que posso ler em depoimentos de alguns de meus alunos de 6<sup>a</sup>. 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>. Pensando sobre a educação, pedi a eles que também pensassem e escrevessem textos respondendo, entre outras questões: o que mais te faz bem e o que te faz mal na escola? O que você espera da escola? O que é estudar? O que a escola pode te oferecer? Enfim minha intenção era registrar suas impressões sobre a escola. Não descobri problemas novos, mas através de suas falas fiquei sabendo mais coisas sobre estes problemas tão íntimos.

Um dos pontos mais relatados e, isto se deve a realidade mais específica da escola em questão, é que a violência é algo que os assusta, intimida e muitas vezes os fazem abandonar a escola. F. de 11 anos, aluna da 6ª. Série escreveu que “na escola o melhor é o estudo, mas tem vezes que tem brigas e que os bagunceiros querem mandar nos mais fracos”. C. aluna da 6ª série e com 13 anos também falou da violência: “o pior é quando acontecem brigas, um ameaçando o outro”. M. de 12 anos, outro aluno da 6ª série escreveu: “não me sinto bem com os valentões”. Os relatos se repetem, pois esta uma realidade experimentada por muitos deles...

Outra informação que se repete nos textos é que as crianças entendem a escola como lugar de “ter estudos que ajudam no futuro”, como escreve a J. de 13 anos. Aprender para não ser “só um empregado” é uma visão da mesma aluna. M. de 12 e aluna da 7ª série diz que “sem escola não tem emprego”. Ou seja, como foi dito no começo deste texto, também entre essas crianças e adolescentes repercute a fala de que é preciso estudar para ser alguém na vida.

Vale registrar outras impressões... elas gostam da escola porque lá é lugar de encontrar os amigos, porque podem freqüentar cursos de dança, futebol, etc, porque podem usar a sala de informática e fazer coisas diferentes. Enfim podem experimentar coisas que muitas vezes a família não pode pagar. E claro muitas (mesmo) gostam de aprender, apesar de terem escrito que não gostam de ler!

Observar mesmo rapidamente estas falas nos coloca diante das principais questões da educação de hoje: como lidar e equilibrar esta relação onde as crianças querem estar na escola, mas onde são tantos os entraves? Como atender as suas expectativas de futuro? Como tirar da escola a violência que tanto incomoda se ela é uma epidemia em nossa sociedade? E especialmente como romper com a realidade de que a escola não oferece as crianças o que elas precisam, mas sim o que achamos que é importante?

Como foi dito antes, este texto não intenção de responder questões, mas sim de fazê-las... E isto também pelo simples fato de que o que está sendo colocado aqui é também uma indignação. Mais do que pensar ou pesquisar a escola e a educação gostaria de propor que olhássemos para ambas buscando mudanças. Penso que a reflexão serve a este propósito que é mais do que imediato. Afinal que escola estamos construindo?

## **Referências bibliográficas**



- DUSSEL, Inés. CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar.** São Paulo: Moderna, 2003.
- GUIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação Brasileira.** São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- LOPES, Eliane. FARIA FILHO, Luciano. VEIGA, Cynthia. **500 anos de Educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- RIZZINI, Irene (org.) **Olhares sobre a Criança no Brasil.** Rio de Janeiro: Petrobrás: Ministério da Cultura: USU ED. Universitária: Amais, 1997.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil.** Petropolis: Vozes, 2006.
- STEPANHOU, Maria. BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e Memórias da educação no Brasil.** Vol. 1, 2 e 3. Petropolis: Vozes, 2004.